

CADEIRA N.º 39

Patrono: Tristão de Alencar Araripe Júnior

Vaga: Falecimento de Cruz Filho

Recepiendo: João Clímaco Bezerra

Recepiendário: Plácido Aderaldo Castelo

Data da posse: 10 de junho de 1975

PLÁCIDO ADERALDO CASTELO. Filho de João Fernandes Castelo e Antonina Aderaldo Castelo, nasceu em Mombaça no dia 11 de janeiro de 1906. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, em 1930, tendo sido o orador da turma. Promotor Público. Magistrado. Professor. Deputado estadual em várias legislaturas. Prefeito Municipal de Fortaleza. Secretário de Estado em diversas Pastas. Ministro do Tribunal de Contas do Ceará. Governador do Estado. Jornalista de longa vivência. Publicou: *A Constituição Republicana e a Federação* (Tese, 1929); *Metodologia do Ensino da História* (1928); *Rápidos Traços Sobre a Educação do Sertanejo* (1931); *A Escola Normal Rural* (1932); *Açudagem, Irrigação e Obras Contra as Secas* (1934); *O Instituto do Algodão e Crédito Agrícola* (1937); *Problemas Agropecuários do Ceará* (1957); *O Deputado Paula Rodrigues* (1963); *História Política do Ceará* (1963); *História do Ensino no Ceará* (1970).

João Clímaco Bezerra

Vim de longe, Sr. Plácido Aderaldo Castelo, para receber-vos nesta veneranda e ilustre Academia Cearense de Letras. E se a distância da viagem se dilui e amesquinha na extraordinária velocidade do transporte moderno, longos são os caminhos que se adentraram no tempo até esta noite, festiva e fraterna, da vossa consagração como homem de letras e como cearense. Pois ser cearense constitui, vocacionalmente, o sinal mais sensível da vossa existência e o traço de nitidez maior do vosso espírito e do vosso destino.

Com efeito, meus Senhores, o fascínio deste encontro me conduz irremissivelmente ao passado longínquo de onde emer-

gem e se alternam pequenos episódios aparentemente banais: esmaecidos ou vivazes, amenos ou doridos, todos, porém, envoltos no manto das lembranças e das recordações. E revejome adolescente, em demanda da serra de São Pedro do Cariri, à busca dos ares sadios daquela ilha de umidade e verdura. Aquele hiato que se abria na minha vida em começo somavam-se às perplexidades do momento histórico que então atravessávamos e que, enfática e literariamente, batizávamos de uma civilização em mudança. Éramos contemporâneos do ciclo de transformações estéticas e políticas que se iniciara em 1922, com a Semana da Arte Moderna de São Paulo e com a epopéia dos 18 do Forte de Copacabana. Sonho e sangue que vinham recrudescer o eterno conflito entre a tradição e a revolução que, também no Nordeste, dentro das proporções da sua realidade econômica e social, assumia dimensões que pareciam ultrapassar os limites das suas perspectivas regionais. Assistíamos à passiva derrocada do coronelismo sertanejo e ao esforço das interventorias revolucionárias de após 30, no sentido de implantar um novo sistema e uma nova ordem. Feria-se, na sua própria estrutura, a cidadela sagrada dos chefes matutos: senhores da terra e do homem. Nomeavam-se prefeitos rapazinhos recrutados nos bancos acadêmicos, não raro sem vivência dos municípios a que deveriam governar e servir. Operava-se, em última análise, uma original revolução semântica. Substituía-se a imponência do verbo *governar* que ainda sinonimizava a força do mando absoluto e inapelável, pelo verbo *administrar*, minimizante dos persistentes resíduos do feudalismo rural. Ser prefeito já não traduzia ser chefe, mas uma espécie de funcionário sujeito ao rigor inflexível de sucessivas prestações de contas e de permanente fiscalização de auditoria estadual. Não líamos sequer Montesquieu, cuja doutrina dos três poderes independentes fora relegada ao obsoletismo e à inadaptabilidade. E Oswald Spengler vaticinava a decadência do Ocidente, berço fecundo do nosso Direito e da nossa organização. Silenciado o Legislativo, hipertrofiava-se o Executivo, que, centralizado na área federal, não tinha a coibir-lhe a ação onipotente, sequer o poder modera-

dor que assinalara o liberalismo dos idos do nosso Império. Mas, por um desses milagres da História, o Poder Judiciário permaneceu imune à influência e à vontade do Executivo, salvadas, sem dúvida, as clássicas exceções que toda regra comporta. Éreis um juiz quando vos conheci, Sr. Plácido Aderaldo Castelo. Juiz de Direito da lendária cidade do Juazeiro do Padre Cícero Romão Batista. Não éreis, portanto, um hóspede, mas um habitante do país do Direito e da Justiça. A sombra do Patriarca ainda pairava sobre a cidade mística, apóstolo, nume tutelar dos gentios da terra bárbara e ardente. Juazeiro era o índice do Nordeste, porque fonte perene de consolação e esperanças. Não eram mais os perseguidores incansáveis de posições e favores que batiam à porta do homem de maior influência política de todo o Nordeste. Mas uma população desvalida, advinda das Alagoas, da Paraíba, de Pernambuco, da Bahia, de Sergipe, de todos os recantos dos tabuleiros e descampados, à procura de bênçãos e perdões. E até Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, dobrara os joelhos em contrição diante da figura beatífica do líder espiritual da nossa gente.

Apagada a memória de Floro Bartolomeu, extintos os antigos partidos políticos sepultados com os últimos jagunços da marcha lendária para a pancada do mar, somente os cânticos dos romeiros, as litanias de velhas beatas, purgando os pecados e as dores do mundo, enchiam as noites tranqüilas e luminosas da cidade santa.

Mas Juazeiro não era somente o purgatório das penas ingênuas nem a escada de Jacó elevando-se para o alto do céu. Não vivia shakespearaneamente um resto de silêncio e conformismo. Era uma cidade dinâmica à procura do seu destino, na ânsia incontida de crescimento e de afirmação econômica. Lideráveis o pequeno grupo dos implantadores da nova mentalidade. E sonháveis um município instalado nos seus domínios rurais, mancha de massapê incrustada na aridez do agreste circundante. Daí a vossa entusiástica adesão ao ideário de Alberto Torres e à legenda romântica de rumo ao campo. A construção, através do processo educativo, de

um dique à emigração do sertanejo para o exército dos párias das grandes cidades. A fixação do homem à gleba se convertia numa idéia em marcha. Fostes um atuante desse movimento, espécie de religião com adeptos que se chamaram Rafael Xavier, Teixeira de Freitas, Joaquim Moreira de Sousa e tantos outros.

A verdade é que os “Amigos de Alberto Torres”, na sua considerável maioria, não penetraram em profundidade o ideário que iluminava o seu apostolado. A grande reforma institucional, judiciosamente sintetizada na Bíblia da Organização Nacional, se converteria, no seu conjunto, em mais uma fonte subsidiária para um movimento de falso nacionalismo de tão profundas conseqüências na afirmação dos postulados da Primeira República. Capitulando erros e desacertos, como todos os iluminados, Alberto Torres sentiu o profundo abismo em que mergulhava o sistema educacional brasileiro. Uma escola que não atendia às necessidades das gerações nascentes, flagrantemente divorciada da realidade econômica, política e social do Brasil que, ainda hoje, se divide num arquipélago de regiões, cada uma delas, de características profundamente diversificadas e marcantes. Nesse calidoscópico de idéias e de pensamento, o Nordeste se ressentia, inclusive, de uma bibliografia didática consoante a sua formação histórica e sua tipicidade geocultural. Aprendíamos, desde o curso primário, em livros editados e importados de São Paulo e do Rio de Janeiro, onde se descreviam paisagens, campos, bichos, flores e frutos que não eram nossos nem da nossa terra. E assim o milagre da unidade nacional permanecia, não apenas como página do passado, mas como um sentimento latente, fortificado pela mesma língua, pela mesma religião mesclada de crendices e superstições e pelo civismo que sempre viveu latente na alma desta nação continental e múltipla.

O vosso credo, entre os discípulos de Alberto Torres, Sr. Plácido Aderaldo Castelo, não era o de um místico contemplativo. Mas o de um atuante impenitente, de um desbravador, cuja fé se traduzia pelo trabalho e pela ação. Daí a Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, que, nos sertões cearen-

ses, serve de nítido e intransferível divisor de épocas no sistema educacional do interior do Estado. As normalistas tradicionais, injusta e tão saborosamente retratadas por Adolfo Caminha, cederiam lugar a professoras formadas no sertão e para o sertão. Inútil a vossa tentativa para esconder na vossa *História do Ensino no Ceará* o relevante papel que desempenhastes como pioneiro na fundação daquele estabelecimento modelar. O Ceará conhece demais a vossa modéstia e o vosso caráter. Deponho como testemunha, pois vi nascer, crescer e produzir a Escola Normal Rural de Juazeiro da vossa dedicação e entusiasmo, sob a fecunda e apostólica direção da professora Amália Xavier. Renascia o antigo professor da Escola de Aprendizizes Artífices do Ceará, fiel ao princípio de uma escola para a vida e pela vida. Mas a política, então, já rondava enleante. Cansava-se a Nação de um Governo Provisório, instalado em 1930 e que se prolongava indefinidamente até o protesto armado de São Paulo na sua revolução pela reconstitucionalização do país. Um novo itinerário se abria à vossa inteligência, à vossa experiência. Não é preciso remontar a Aristóteles para afirmar ser o homem um animal essencialmente político. No moço arrebatado de *As Farpas*, na parceria com Perboyre e Silva e Paulo Sarasate, já se encarnara o político militante, à espera da sua oportunidade. E esta surgiu com a campanha da Liga Eleitoral Católica. Eleito deputado à Assembléia Constituinte de 1934, abristes um novo capítulo no vosso destino. Porque vos tornastes um homem de partido na velha acepção do seu exercício. E na legenda da LEC, depositária do liberalismo em agonia, vivestes o episódio histórico da primeira eleição governamental da nova República, em nosso Estado, quando revolução e tradição exacerbaram os ânimos na mais acesa e vibrante campanha cívica de que guardam memória os faustos da História cearense contemporânea.

E a vossa vida, então, se formou numa linha ascendente de posições e encargos: Secretário da Fazenda, Presidente do Instituto de Previdência do Estado do Ceará, Prefeito de Fortaleza, Procurador Judicial do Estado, Secretário da Agricultura

e Obras Públicas, novamente deputado estadual, Auditor e, depois, Ministro do Tribunal de Contas, e, corcando essa longa jornada de serviços e dedicação aos problemas da nossa terra, Governador do Estado.

A escalada vos conduziu ao cimo do planalto. Mas não vos contaminou a vertigem das alturas. Permancestes de pés fincados no chão: este amorável e sofrido chão do Ceará. Fostes um Governador tranqüilo, simples, cordial e sobretudo devoto do bem e das virtudes humanas. Porque a política jamais vos fez perder a crença na humanidade, antes situou no homem a síntese da vossa ação e das vossas esperanças. E no instante mais solene da vossa carreira, quando o destino punha nas vossas mãos honestas o Governo da terra natal, do íntimo do vosso ser despertou rilkeaneamente o poeta adormecido da juventude. E vos debruçastes sobre a infância, revivendo as cheias do Banabuiú “quando as águas barrentas começavam a clarear” e vós, “garoto de oito anos”, vos lançáveis à aventura temerária.

O discurso que proferistes perante a Assembléia Legislativa, à anúncio da vossa escolha para o Governo do Estado, é um poema. Um mergulho na meninice: os dias difíceis da mocidade, a obstinada e fecunda vontade de vencer, o trabalho, o sacrifício, e, num halo envolvente e docemente sentido, a saudade da mãe, da casa, dos amigos, da cidadezinha perdida nos longes dos Inhamuns.

De fato, Sr. Plácido Aderaldo Castelo, viestes confirmar, mais uma vez, que não há incompatibilidades entre o político e o homem de letras. Diria mais: entre o político e o poeta. Todo o artista, e o político é também um artista, todo o escritor, com o seu patrimônio de sonhos e de renúncias, é, na sua essência e no seu destino, um poeta e um sonhador. O sonho é o único criador.

O político é o semeador por excelência. E semeastes, com a mão generosa, a boa semente. Nós, os contemporâneos, dificilmente podemos julgar os administradores do nosso tempo. É uma tarefa reservada ao futuro, já que o tempo é o grande revisor. Mas não seria lícito esquecer de situar o vosso

Governo num período de transição absoluta, quando a força e o arbítrio se podiam converter numa sugestão latente. Implantava-se no país o Governo da Revolução de 1964. E a consciência nacional ainda jazia abalada pela onda de erros, licenciosidades, desordens e corrupções, que assinalaram os últimos dias de um dos mais tumultuados períodos do regime republicano. Havia, rodeando o vosso mandato, os sedentos de vingança e de punições. E havia, realmente, os que mereciam julgamento e justiça.

Pairando, no entanto, sobre a tempestade, que era efêmera, havia, a iluminar o vosso caminho, o Ceará e a sua gente, que são eternos. E o homem de espírito, de inteligência, de coração, não trepidou: ficou com o Ceará e o seu povo. Silenciosamente, realizou um Governo que não visava apenas àquela hora trágica, e, paradoxalmente enérgica, que enfrentava. Projetou-se para o futuro, em realizações que não se confundiam com a couve do dia, porque mergulhavam, como a aroeira do Nordeste, no coração da terra, naquela antecipada certeza de que o amanhã é sempre a véspera do futuro.

Para nós, escritores e artistas, para esta Casa de Thomaz Pompeu e para os que nela mourejam e trabalham, bastaria um ato de vosso Governo, Sr. Plácido Aderaldo Castelo, para firmar o nosso respeito e a nossa gratidão — criastes a Secretaria de Cultura do Estado, na esplêndida lição de que o homem necessita ser animado, ajudado, estimulado, na sua atividade intelectual e, portanto, criadora.

Mas, meus Senhores, se o político, que é a tônica da existência do Sr. Plácido Aderaldo Castelo, parece dominar avassaladoramente a sua biografia, ditando e conduzindo a sua própria vida, não conseguiu, mercê de Deus, matar o escritor que nele se aninha como um grande pássaro fatigado de voar. E voar ao redor da sua terra, na contemplação da paisagem árida dos anos de seca ou escandalosamente verdejante das prolongadas inverniais. Toda a sua obra, seus livros, seus discursos, suas pesquisas, têm como motivo primeiro e inarredável esta terra que o viu nascer, crescer e triunfar. Uma cita-

ção apenas dá a medida desta assertiva: *A Constituição Republicana e a Federação* (Tese, 1929); *Metodologia do Ensino da História* (1928); *Rápidos Traços Sobre a Educação do Sertanejo* (1931); *A Escola Normal Rural* (1932); *Açudagem, Irrigação e Outras Obras Contra as Secas* (1934); *O Instituto do Algodão e Crédito Agrícola* (1937); *Problemas Agropecuários do Ceará* (1957); *O Deputado Paula Rodrigues* (1963); *História Política do Ceará* (1963).

E, fechando a lista, como contribuição maior ao estudo e ao conhecimento do nosso Estado, a *História do Ensino no Ceará*, volume organizado para a grande História que o Instituto está publicando. Livro que revela, da primeira à última página, as excelentes qualidades de pesquisador e estilista do novo Acadêmico que hoje temos a alegria de receber. Adicione-se à essa lista respeitável, a vossa atividade paralela de jornalista, parlamentar, professor universitário da Escola de Administração do Ceará, e sentimos que chegais a esta Casa para enaltecê-la, ajudando-a e prestigiando-a.

Senhor Plácido Aderaldo Castelo:

Menino ainda, partistes da vossa pequenina cidade de Mombaça em busca de Eleusis. E a Eleusis chegastes. Vistes ocupar nesta Academia — a primeira fundada no Brasil — uma Cadeira eminentemente literária. Patroneia-a Araripe Júnior, e Cruz Filho — o Príncipe dos Poetas Cearenses — a ilustrou e honrou por largos anos, com o seu canto e o seu saber. São dois nomes que desafiam e intimidam pela robustez do pensamento, pela solidez da esplêndida formação humanística, pela extraordinária e permanente fidelidade à arte e à beleza. Dois nomes que se projetaram além do Ceará, pela mensagem universal da sua vida e da sua cultura. O destino vos transformou, Senhor Plácido Aderaldo Castelo, no continuador do itinerário de prestígio e afirmação da Cadeira legendária. E sob a sua inspiração, não haveis de parar. Peregrino da inteligência continuareis a vossa jornada com aquele juvenil elã dos triunfadores.

Feliz de vós, amigo, que, ao receberdes as bênçãos de Deus e a admiração dos vossos conterrâneos, olhando o passado, milionário de trabalho e de realizações, podeis, no silêncio do vosso gabinete e na doce solidão dos vossos livros, recitar, ao ouvido dos vossos alunos, dos vossos filhos, dos vossos netos, a lição imortal de Anatole France: "Quando não se é da sua terra; não se é de nada."

Sede bem-vindo, Senhor Plácido Aderaldo Castelo.